

BAIRROS
BURACOS
COMPLICAM RUA
NO GUANABARA

[PÁGINA 6]

CIDADE
FALTAM SALVA-
VIDAS EM
BALNEÁRIOS

[PÁGINA 7]

ESPORTE
PROJETO OFERECE
ESPORTE PARA
CRIANÇAS

[PÁGINA 8]

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - RONDON DO PARÁ



A ESPERANÇA NOS EUA

[PÁGINAS 4 E 5]

EDITORIAL >> Pandemia não acabou

NÚMERO DE CONTAMINADOS POR COVID-19 VOLTA A SUBIR EM RONDON

BAIXO PERCENTUAL DE VACINADOS E FLEXIBILIZAÇÃO DAS MEDIDAS DE PROTEÇÃO PROLONGAM AINDA MAIS A PANDEMIA

Já são quase dois anos de pandemia. Em todo o Brasil, gestores públicos e sociedade foram colocados à prova. Ficou claro que o serviço público de saúde tem suas limitações, como ocorreu com sobrecarga de pacientes em alguns períodos, mas também que pode se mobilizar de forma estratégica, como foi o caso da vacinação. No interior, cidades que não contam com Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) sofreram ainda mais. Rondon do Pará tem mais de 50 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas não possui nenhum leito de UTI e depende do suporte médico de alta complexidade cidades como Marabá, a 149 quilômetros, ou Paragominas, que fica a 248 quilômetros de distância.

O início da vacinação e a queda nos números de contaminados e óbitos proporcionou uma sensação de que a pandemia havia acabado. A máscara quase não é mais vista no rosto dos rondonenses e as festas e aglomerações não exigem

Será cultural o fato de muitos rondonenses não respeitarem regras sociais ou cumprirem apenas parte delas?

passaporte vacinal. Mas o número de contaminados sobe rapidamente. Segundo os boletins divulgados diariamente pela prefeitura, na primeira quinzena de novembro o número de casos variava entre um e cinco. Na segunda quinzena do mês, ficou entre nove e 15. Desde 16 junho, quando o município registrou 25 casos do coronavírus em um único dia, não se viam tantos registros. Nos primeiros sete dias do mês de dezembro, o número total de infecções chegou a 70, com 35 pessoas diagnosticadas com covid-19 apenas no dia 7. Tudo isso está diretamente ligado com a flexibilização das medidas de proteção e o baixo percentual de vacinados. Segundo os dados do Vacinômetro, da Secretaria Estadual de Saúde, consultados no dia 8 de dezembro, o maior número de pessoas que ainda não foram se vacinar estão na faixa dos 18 aos 59 anos. Estimava-se que cerca de 27 mil pessoas desta faixa etária fossem vacinadas, mas apenas 10 mil tomaram a primeira dose e pouco mais de 6 mil, a se-

gunda. Os adolescentes entre 12 e 17 anos também aderiram pouco. Dos 6 mil estimados, cerca de 400 foram imunizados com a primeira dose, ou seja, 6% do total. Muitos desses jovens já estão, inclusive, frequentando a escola. O grupo das gestantes e puérperas também apresenta índices abaixo do estimado.

Será cultural o fato de muitos não respeitarem regras sociais ou cumprirem apenas parte delas? Sim, porque a atitude de evitar colocar o outro em risco é uma regra de convivência social. No trânsito, só se usa capacete quando acontece blitz do Departamento Municipal de Trânsito (Demutran). As vagas de estacionamento e caixas preferenciais são usados por quem não possui nenhum tipo de deficiência. Os motoristas pouco se importam se estacionam diante de uma rampa de acessibilidade ou se devem parar na faixa para o pedestre atravessar. Trafegar na contramão e pelo lado oposto da faixa também não parece um problema, mesmo que coloque a vida

em risco. Exemplos como esses fazem a gente entender porque usar a máscara tapando nariz e boca, e não no queixo, para se prevenir e proteger os outros, foi esquecida totalmente.

As autoridades precisam ter pulso firme e insistir na vacinação. É necessário também uma força tarefa com apoio de igrejas, influenciadores digitais, educadores e quem mais possa divulgar a importância da vacinação no controle da doença. É preciso combater as notícias falsas que, produzidas por grupos com interesse de criar um caos social, espalham inverdades e desinformação e evitam que muitos sejam imunizados. A vacina é segura e já evitou a morte de milhares de pessoas ao redor do mundo. Foi graças à ela que os índices nacionais de morte por covid-19 caíram drasticamente. Combater a pandemia é também evitar a sobrecarga do Hospital Municipal, que tem apenas atenção básica de saúde. Essa é uma conta muito cara e, para alguns, está sendo paga com a vida.

CRÔNICA

O NATURAL ESPLENDOR DE RONDON

Por João Carlos Oliveira

Talvez esse título pareça incoerente para alguns. E talvez o autor do hino de Rondon, quando escolheu a palavra do 4º verso, estivesse apenas procurando um adjetivo que rimasse com a flor do 2º verso. Afinal, mesmo hoje, o que poderia haver de esplendoroso (magnífico) nessa cidade? Como o próprio hino descreve, é algo natural. Mas como nem sempre o natural é evidente, vamos ver alguns exemplos.

Quanto esplendor não há nas lembranças de infância em Rondon! Uma das melhores que tenho é o espetáculo que as andorinhas davam todo fim de tarde, antes de se aninharem nas torres de telefonia e nas mangueiras. Era de deixar

qualquer esquadrilha da fumaça “no chinelo”. Isso sem falar nas brincadeiras de tacobol e pique escondido, e os Jogos Estudantis todos os anos.

E o que dizer da escola? A aglomeração no portão antes de ser aberto e todo mundo sair em disparada pra ficar com os primeiros lugares na sala. Desde aqueles tempos eu lia “Meus Oito Anos” de Casimiro de Abreu, que me fez o favor de explicar que tudo aquilo era passageiro.

Mas, mesmo na vida adulta, apesar de ter um brilho menor que a infância, Rondon continua a ter seu esplendor. Dar voltas na praça enquanto conversa com amigos, ter várias opções para se refrescar por

estar cercado de rios, poder frequentar os saraus e as rodas de viola no aconchegante sítio do meu amigo “gostador de Rondon”.

Não que eu ignore as privações e abusos que esse povo e essa terra sofreram e até hoje sofrem. Eu experimentei e já testemunhei a “dor e a delícia” de estar aqui. Quase como os primeiros candangos, que tinham consciência do próprio sofrimento mas que não abandonavam a terra que os havia acolhido. Não se trata de romantizar o sofrimento, mas sim de apreciar a beleza da esperança. E o que coroa tudo isso é o povo que é quem faz a cidade. Isso tudo, e algo a mais que só a vivência do cotidiano pode descrever, faz o esplendor de Rondon.

EXPEDIENTE

A produção desse jornal faz parte da Disciplina Laboratório de Jornalismo Impresso, do 4º período do Curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.

Direção da faculdade: Jax Nildo de Aragão Pinto

Vice-Direção: Ingrid Gomes Bassi

Professores responsáveis: Elaine Javorski e Antônio Carlos Ribeiro

Estudantes da turma 2019: Adria Beatriz Moraes de Sousa, Alexandra Manoella Ferreira, Ana Lua Franco, Kawane Cardoso Ricarto, Mauremilla da Silva Andrade, Vanessa Lopes dos Santos.

Estudantes da turma 2018: João Carlos Oliveira Marques, Jussara Alves dos Santos, Karoline Bezerra da Silva, Lorrany di Paula F. Freitas, Lucas Guilherme da Silva, Marcos Vieira Alves, Vanete Araújo Costa, Mateus Paixão Cardoso, Rogério Alves da S. Filho e Tiago Alves de Sousa.

Endereço: Rua Rio Grande do Sul, s/n. Rondon do Pará - PA CEP 68638000



@rondon_noticias



facebook.com/portalarondonnoticias



rondonnoticias.com



UNIFESSPA | FACOM

ACESSE O PORTAL APONTANDO A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE:



FOTO: ROGÉRIO FILHO



EDUCAÇÃO FÍSICA>> Alunos da escola Adolfo Soares de Moraes trabalham capacidade motora e coordenativa em sala

PROFESSORES INOVAM NA VOLTA ÀS AULAS PRESENCIAIS

Por Rogério Filho

A pandemia da covid-19 trouxe inúmeros desafios, principalmente para o ensino nas escolas públicas de Rondon do Pará. Após ficarem quase dois anos trabalhando de forma remota, os professores tiveram que se reinventar para o retorno no modelo presencial e escalonado.

As aulas presenciais voltaram para a realidade dos estudantes do município em setembro de 2021. O retorno aconteceu depois da imunização completa dos profissionais da educação. Segundo a diretora de ensino da Secretaria de Educação, Kelly Cristine Ladeia Higino, o planejamento para a volta às aulas começou em junho com uma jornada pedagógica. O objetivo foi prepará-los emocionalmente e psicologicamente para o retorno. Depois, houve uma reunião com o grupo intersetorial composto pelos profissionais da saúde, educação e assistência social, para colher dados sobre a pandemia e sobre o bandeiramento no município. “O grupo intersetorial decidiu que retornaríamos em setembro de forma escalonada, ou seja, em grupos de

até no máximo 12 alunos. Se ultrapassasse esse número, a sala seria dividida com aula intercalada”, conta Kelly. Carlos Henrique Barbosa é professor de educação física no município há 33 anos e encontrou uma nova solução para trabalhar as aulas na escola Adolfo Soares de Moraes. As atividades que antes aconteciam ao ar livre, na quadra de esportes, agora estão restritas à sala de aula. Ele trabalha com os alunos a capacidade motora e atividades coordenativas através de jogos com materiais alternativos como cordas, garrafas, e materiais geralmente usados nas aulas na quadra. Para ele, uma das principais dificuldades é o espaço. “Nós precisamos de espaço, aqui nós ficamos muito restritos, por exemplo: eu já tive que mudar a dinâmica da sala de aula porque o número de alunos aumentou, eram 14, agora são 20, então o espaço ficou reduzido.”

Arcione da Silva Barbosa é professora do 1º ano na escola Maria Lei e ainda durante o período de ensino remoto encontrou nas redes sociais uma maneira para ensinar os seus alunos. Começou a fazer os vídeos explicando o conteúdo da mesma forma que

fazia em sala de aula. Com a ajuda da sobrinha, montou um estúdio em sua casa e gravava tudo aos domingos. A professora conta que nos dias em que tinha que alfabetizar as crianças à distância, a preocupação era saber se elas estavam realmente aprendendo. “Como alfabetizar uma criança se você não está vendo, se você não sabe como a mãe está ensinando pra ela? Eu comecei a gravar as aulas em casa, fazer os cartazes e explicar como se eu estivesse na sala”, explica Arcione.

O coordenador da escola Lúciolo de Oliveira Rabelo, Renildo Alves Pereira, conta que alguns professores desenvolveram trabalhos dinâmicos para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos no retorno às aulas presenciais. O professor de matemática, Geanclay Souza, por exemplo, levou para a escola um carrinho de supermercado com produtos e trabalhou os valores monetários. “Eu achei o trabalho dele interessante, trabalhar o valor do objeto, troco também. Ele trabalhou com aquele dinheirinho de brinquedo”, relata Pereira.

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: DESAFIO PARA A GESTÃO MUNICIPAL

FOTO: LORRANY DI PAULA



NA RUA>> Alindomar da Silva perdeu uma perna e vive de ajuda voluntária

Por Lorrany di Paula

É comum andar pela cidade e se deparar com pessoas em situação de rua, algumas em extrema vulnerabilidade. Alindomar João da Silva chegou em Rondon do Pará com 10 anos. Sofreu um acidente na fazenda em que morava e perdeu a perna esquerda. Sempre com dificuldade, só se deslocava com apoio. Recentemente foi assaltado e levaram sua muleta. Dormir na rua é perigoso para quem não tem um teto, por isso ele onde acha mais seguro. “A praça ou no terminal rodoviário são os lugares onde estou mais protegido, pois é onde meus amigos, os guardas de rua, me protegem”.

A família mora em São Paulo e toda companhia e ajuda vem voluntariamente das pessoas com as quais convive, e daqueles que se sensibilizam com sua causa. No dia em que conversou com a equipe de reportagem, à tarde, Silva não havia feito nenhuma refeição. Com 52 anos, ele diz não ter nenhum vício.

Leandro Gonçalves, de 38 anos, também morou na rua. Hoje, livre dos vícios, tem uma vida melhor. Mas não foi fácil superar o alcoolismo, que era sua razão de viver. “Acho que para mim o que me ajudou a entrar no processo de reabilitação foi ter minha família aqui Rondon que me ajudou a começar uma nova vida”.

Para quem tem comércio, ter pessoas nessa situação dormindo em frente aos seus estabelecimentos é complicado. Dono de uma lanchonete na antiga rodoviária, Ivo Martins presencia inúmeras situações. Ainda que se sensibilize com o problema dos moradores de rua, às vezes sabe que alguns vão importunar os clientes ao pedirem dinheiro e até mesmo bebida alcoólica. “Já houve casos em que o consumidor deixou de efetuar a compra pela desagradável insistência deles”.

Para secretária de Assistência Social, Eudícia Sousa Leal, um dos maiores desafios para a cidade é a questão dos moradores de rua, já que não existem políticas públicas efetivas devido ao porte do município. Mesmo assim, segundo ela, a Secretaria tem assistido e ofertado o que pode. “Não temos nenhum abrigo para moradores de rua. O que tentamos fazer é orientá-los para buscar suas famílias. Oferecemos viagens de volta para suas casas. Mas às vezes não se acostumam e voltam. E tem ainda os que recusam essa ajuda”.

Durante a pandemia, o número de desabrigados cresceu. Até mesmo famílias venezuelanos chegaram a ficar aqui por algumas semanas. Mas, segundo Eudícia, eles já não se encontram mais em Rondon.

RONDONENSES BUSCAM MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA NOS EUA

NÚMERO DE IMIGRANTES AUMENTOU NO ÚLTIMO ANO PELAS FACILIDADES DE ENTRADA NA FRONTEIRA COM O MÉXICO

Por João Carlos Oliveira

A imigração para os Estados Unidos é popular entre os rondonenses. Quase todo mundo tem um parente ou amigo que mora ou morou lá. Hoje em dia esse assunto voltou a ocupar o cotidiano das pessoas. Uma nova onda de moradores partem para os EUA em busca de uma vida melhor. Há períodos em que essa frequência aumenta e em outros, diminui. Nos últimos 12 meses, essa onda migratória parece ter aumentado. As especulações, em alta na cidade, passam essa impressão e os números confirmam. Não há dados específicos sobre rondonenses mas o número de brasileiros que cruzaram ilegalmente a fronteira entre México e Estados Unidos bateu recorde histórico em 2021. Segundo dados do órgão americano de Alfândega e Proteção de Fronteiras, entre 1º de outubro de 2020 e 30 de setembro de 2021 foram 56.881 pessoas detidas, um aumento de 700% em relação ao mesmo período de 2020. Muitos rondonenses planejam ir, como é o caso de uma mulher que aceitou conceder entrevista, desde que não tivesse sua identidade revelada. A jovem rondonense diz que sempre quis ir para o exterior. Já chegou a acertar sua saída algu-

mas vezes, e até hoje não deu certo. Mas está confiante que antes do fim do ano consiga a tão sonhada viagem para a América do Norte. Ela diz que sua principal motivação é a questão financeira, e a oportunidade de dar uma vida melhor para os filhos. “A questão do emprego na nossa cidade é bem difícil.” No entanto, a jovem sabe que está diante de um grande desafio. “Eu sei que será bem difícil. Já ouvi relatos e sei que a travessia não vai ser fácil, mas vou tentar”. Sobre os planos de estabilização em outro país, ela diz ter tudo planejado. Já tem emprego e moradia “mais ou menos acertados”, e acredita que em cinco meses as coisas já estejam equilibradas. Mas diferente do padrão que muitos seguem, ela não pretende simplesmente fazer economias e voltar, mas sim fixar residência nos Estados Unidos.

Para entender melhor esse sistema, entrevistamos um rapaz de Rondon que é uma espécie de intermediário entre as pessoas que desejam fazer a viagem e os famosos coiotes, que organizam todo o esquema. Ele explica que, com a flexibilização imposta pelo novo governo americano em relação à política de imigração, a estratégia de travessia vem mudan-

"Antigamente tinha que 'furar a fronteira' pelo deserto. Hoje as pessoas que chegam ao México seguem para uma cidade de fronteira e se entregam na imigração norte-americana"

AGENTE

Auxilia na viagem até os EUA. Não quis se identificar.

do. “Antigamente tinha que ‘furar a fronteira’, indo pelo deserto, correndo muitos perigos. Poucos conseguiam atravessar. Hoje é comum que as pessoas que chegam ao México sigam para a fronteira, uma cidade chamada Mexicali, para então se entregar na imigração norte-americana”. O período da estadia no setor da imigração leva de dois a três dias. O governo americano identifica os imigrantes, e lhes concede um visto de seis meses. Após esse período, se permanecer no país, a pessoa cai na ilegalidade. O método muitas vezes inclui uma etapa curiosa. A probabilidade da concessão visto para famílias é maior do que para pessoas solteiras. Isso tem feito pessoas que planejam ir para os EUA procurarem solteiros que tenham filhos, e os mesmos interesses, para se casarem, visando se enquadrar no perfil aprovado pelo setor americano de imigração. Solteiros tem uma probabilidade maior de não serem liberados pelo setor de imigração e pagam 15 mil dólares aos coiotes, já os casais pagam 18 mil. Os atravessadores dão em média um prazo de dois meses para que os imigrantes comecem a pagar a dívida. Essa estratégia tem sido bastante utilizada ultimamente.

A opção pelos coiotes acontece porque eles conhecem as rotas e horários menos monitorados. Eles são responsáveis por todo o processo até a fronteira e quando necessário, mantém relações com a Polícia de Imigração mexicana e alguns agentes da Alfândega e Proteção de Fronteiras dos EUA (Us Customs and Border Protection), para que os “ajudem” na travessia de imigrantes clientes.

O intermediário explica que, atualmente, a maior dificuldade dos imigrantes é a adaptação. O custo de vida nos Estados Unidos tem aumentado bastante. “Apartamentos que antes tinham um valor de aluguel fixo de mil dólares, hoje custa mil e setecentos e logo deve chegar aos dois mil.” Ele diz que a situação dos imigrantes brasileiros vem se complicando a cada dia. Mas ainda assim, continua a ver a prática como uma possibilidade de melhorar de vida. As pessoas que o procuram geralmente têm poucos recursos financeiros, com uma renda bem pequena e sem casa própria. Mas de acordo com o intermediário, se a pessoa fizer economias durante um tempo e voltar para o Brasil para fazer investimentos, é possível se estabilizar financeiramente.

DESAFIOS NO EXTERIOR

DIFERENTES REALIDADES: VANTAGENS E DIFICULDADES DE MORAR FORA

Por Vanete Araújo

A rondonense Maria da Silva mora há cinco anos nos Estados Unidos. Levou com ela a filha, na época com 9 anos, e deixou o mais velho com o pai. Já tinha tentado de tudo para permanecer no Brasil mas os problemas financeiros falaram mais alto. Quando teve a oportunidade de ir, não hesitou. “Não pensei nenhuma vez, decidi vir, procurar uma vida financeira mais estável, dar uma vida melhor para os meus filhos e proporcionar estudos para minha filha, ainda não me arrependi”. A saudade do Brasil e de sua família é grande. Segundo Maria, lá não tem a

mesma felicidade que no Brasil. A cultura é diferente mas tem valido a pena. “Tenho tido um bom resultado. Tenho conseguido comprar coisas que se talvez, se estivesse aí, não teria conseguido ainda. Mas eu espero conseguir meus objetivos para voltar ao Brasil um dia”.

Maria enfrentou dificuldades na viagem pois na época foi por um processo chamado de “cai cai”, que facilitava a entrada de pessoas com filhos menor de idade. Mas a travessia da fronteira não saiu como o planejado. Quando chegou no México, esperava en-

contrar a imigração. Esperou por 40 minutos e ninguém da polícia de fronteira apareceu. Os coiotes que ela tinha pagado e deveriam auxiliar a passagem para os EUA também não a acompanharam. Então, seguiu com a filha, pediu ajuda, pegou um ônibus e viajou por três dias até chegar no Texas, onde os amigos as esperavam. Nesse percurso, trocou oito vezes de veículo, gastou todo o seu dinheiro e chegou no local desejado com dez dólares no bolso. Pagou sete dólares de táxi e começou a vida na América do Norte com três dólares.

Outra rondonense que se aventurou para os EUA foi Maria José Dias, que morou lá por quase dois anos. Ela decidiu com o intuito de conhecer e porque as pessoas diziam que lá se ganhava muito dinheiro. Mas, Maria se arrependeu, quando chegou no país a realidade foi diferente. “Gostei do país mas não da humilhação que a gente passa por lá. Os brasileiros que já estão há muito tempo, quando chamam a gente pra trabalhar, colocam os piores serviços, querem que sejamos rápidos sem termos idéia do que estamos fazendo”.

Maria carrega consigo as memórias da viagem que fez pelo deserto para atravessar a fronteira. Durante os dezessete dias, foi roubada por sua companheira de viagem e teve dificuldades em chegar no destino final. Ela vendeu todos os seus bens para ir e ficou sem nada. “Isso pode acontecer com as pessoas como aconteceu comigo, achando que vai ganhar fortuna de dinheiro, chega lá, ganha sofrimento”. Maria voltou para Rondon do Pará com R\$ 10 mil na conta, que foi o que conseguiu juntar, e com a certeza de que foi tudo uma ilusão.

CRÉDITO DA FOTO



ROTA>> Trajeto mais comum para a chegada nos Estados Unidos

Dependendo do agente de viagens e dos coiotes, e suas intenções, as rotas podem variar de estados e cidades entre os países, Brasil e México. O trajeto mais usado inicia com a ida ao aeroporto de Marabá. De lá a pessoa pega o avião para Brasília, seguindo para São Paulo. Depois, utiliza um voo internacional para Panamá City, no Panamá, com destino à Cidade do México, no México. Depois, outro voo doméstico leva até Tijuana e depois, de carro, para Mexicali. Neste local começa a espera por um carro providenciado pelo coite em direção à fronteira. A pessoa faz a travessia caminhando por uma cerca, ponte e se entrega na Polícia de Imigração americana.



UMA NOVA VIDA NO RETORNO PARA RONDON

Por Karoline Bezerra

Em 2005, Adaildo Ferreira largou seu emprego da época em uma madeireira e decidiu ir para os Estados Unidos. Trabalhou em diferentes áreas até que começou a atuar no assentamento de porcelanato, granito e a cerâmica. Hoje de volta a Rondon, esse trabalho é o fruto do seu sustento. Ferreira ficou por cinco anos fora e conseguiu juntar pouco dinheiro, já que na época o dólar não passava de R\$2,65. Há 12 anos, juntamente com Vanderlei que, assim como ele, também trabalhou nos EUA, criaram uma empresa de colocação de porcelanato. Hoje eles são referência

na cidade nesse serviço. “Foi uma experiência boa, mesmo não tendo conhecimento na época, hoje se tornou um trabalho que tenho prazer em fazer”. Evângela Cruz tinha quatro anos quando seu pai, Natalino, foi para os EUA em 2002 para trabalhar. A família, que sempre foi unida, sofreu com a falta do pai. Por quase 2 anos, a mãe, Evanete, tentou tirar o visto para residir de forma legal no país. Como não conseguiu, decidiu ir com os filhos sem o visto. Evângela lembra que não sabia falar inglês e não conseguia fazer amigos na escola. Nem o básico ela conseguia pedir. “Tive

uma vez que a professora não deixou eu ir ao banheiro por que eu não sabia pedir, então eu chorei por ter feito xixi nas calças”, lembra. os pais trabalham muito. A mãe limpava casas e o pai, pedreiro, chegava a trabalhar 12 horas por dia. A família retornou ao Brasil em dezembro de 2009. Natalino trabalha desde então com construção e Evanete abriu um salão de cabeleireiro em casa. Evângela não sente vontade de morar lá, mas é extremamente grata por ter tido essa experiência de morar fora e hoje poder trabalhar em uma empresa que a contratou por ser bilíngue.

FRONTEIRA

A ESPERANÇA FRUSTRADA DE QUEM FOI BARRADO

Por Vanessa Lopes

Nem todos conseguem concretizar o sonho de chegar nos Estados Unidos. Em Rondon, é comum ouvirmos histórias dos que tiveram que tentar mais de uma vez para entrar, de gente que desapareceu e daqueles que foram detidos e deportados. Muitos desses casos aconteceram nos anos 90, quando houve uma sinalização socioeconômica positiva das pessoas que foram e enfrentaram as fronteiras, conseguindo chegar no local, se estabelecer e ainda mostrar prosperidade na terra natal.

Alessandro Pinheiro foi uma dessas pessoas barradas. “O custo de vida no Brasil é ruim, fraco, a gente trabalha, trabalha e não consegue nada”. Foi esse motivo que o levou a tentar a sorte.

Uma parcela significativa dos rondonenses que optam pela imigração aos EUA vão sem visto, por ser menos burocrático, com a pretensão de se legalizarem lá.

Quando se entregam na fronteira, na Polícia de Imigração americana, e não passam, as pessoas são levadas a um lugar que ficou conhecido como tenda. O protocolo exige espera. “Eu fiquei 10 dias nesse lugar sem comunicação nenhuma. Depois, fui transferido para um centro de detenção de imigrantes, onde fiquei preso por três meses. Enquanto estava preso, algumas pessoas foram deportadas de volta para o Brasil ou para os países de origem”, diz um rapaz rondonense que não quis ser identificado. Se não for deportada, a

pessoa sai com a prerrogativa de comparecer à Corte de Imigração para uma audiência sem data específica, determinada com base nas investigações do órgão. Nessa audiência será indicado se pode ou não permanecer no país. Nesse período usam tornozeleiras para rastrear seus movimentos.

“Colheram nossos dados como digitais e fotos, somente dos adultos, nos davam burritos, batata frita, maçãs, biscoitos, água e suco. Saímos da tenda e fomos levados para um lugar chamado detenção. Ali era horrível, muito horrível. Celas pequenas e muita, muita gente. Separados novamente. Mulheres e crianças em celas que tinham colchonetes para elas”, lembra o rondonense.

NOVO HORIZONTE

FALTA DE TRANSPORTE DIFICULTA DESLOCAMENTO DE MORADORES

Por Mateus Cardoso

A Os únicos meios de transporte público urbano em Rondon do Pará são o taxi e o mototaxi. Não há serviço circular de transporte coletivo. Por isso, quem mora nos bairros mais afastados, e não dispõe de condições financeiras, fica sem alternativa para se locomover. O Novo Horizonte é o bairro mais novo do município, fundado em 2009 quando o ex-prefeito Otávio Silva Rocha, do então Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Foram distribuídos lotes para famílias em vulnerabilidade social e beneficentes do Bolsa Família. Para os moradores, o transporte público coletivo é fundamental e ajudaria muito nas rotinas, principalmente de estudo e trabalho. Moradora do bairro há quase seis anos, Onélia Chaves precisa ir ao

centro da cidade quase todos os dias e já perdeu as contas de quanto gasta por mês com mototaxistas. “A média é de R\$ 30,00 a 50,00 reais, eu até evito de pegar mototaxi, mas se eu pegar geralmente é esse valor”, diz. Para economizar, às vezes pega carona ou vai caminhando os cerca de quatro quilômetros de casa até o centro.

O estudante Thiago Henrique Pereira mudou para o bairro com sua família quando tinha nove anos. Hoje, com 25, estuda na escola Dionísio Bentes de Carvalho e quando sai da aula tarde da noite precisa pegar carona para ir para a casa. “Às vezes desanimo, só que preciso terminar meu ensino médio. Muitas vezes já pensei em desistir e deixar de ir pela distância. Se tivesse uma escola do ensino médio no meu bairro ou transporte para

“Às vezes desanimo, só que preciso terminar meu ensino médio. Muitas vezes já pensei em deixar de ir pela distância”

THIAGO HENRIQUE PEREIRA
Estudante

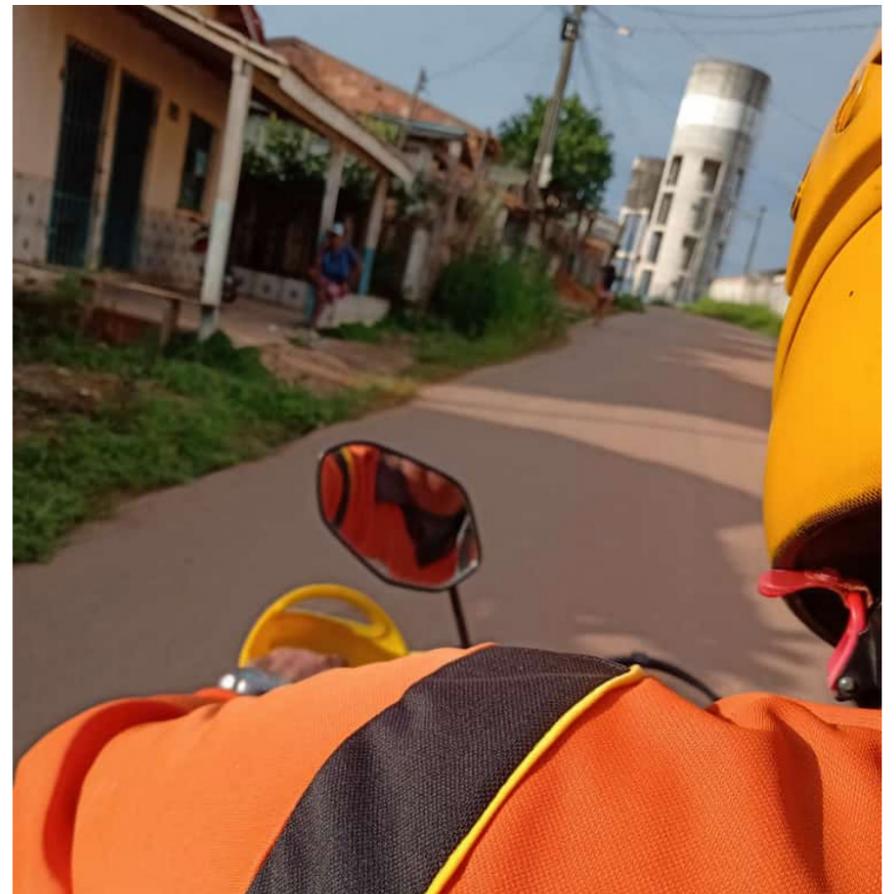


FOTO: MATEUS CARDOSO

MOBILIDADE >> Mototaxi é alternativa para moradores, mas custo é alto

ir ao centro, ajudaria bastante”. O mesmo problema acontece com quem trabalha à noite, como Luiza da Conceição, moradora do bairro há quase 30 anos. “Eu trabalho no centro e venho andando. É raro eu pegar mototaxi porque gastaria em média R\$70,00 reais por semana, já que à noite o valor do transporte é R\$10,00.”

Não existe nenhuma proposta, planejamento e nem projetos voltados para essa necessidade de transporte coletivo. O secretário de Obras,

Transporte e Urbanismo, Elias Ferraz, diz compreende a necessidade de deslocamento dos que moram em bairros afastados. “Essa é uma questão particularmente preocupante pois muitas pessoas que moram longe e não possuem carro ou moto ficam sem locomoção. A cidade e os bairros vêm crescendo e vai chegar o momento em que essa necessidade será indispensável”. Ele lembra de ter existido essa intenção de implantar um transporte particular no passado, mas sem sucesso.

GUANABARA

BURACOS CAUSAM PREJUÍZOS

Por Lucas Guilherme

A falta de asfalto é um problema antigo dos moradores do Bairro Guanabara. Durante o verão, a poeira incomoda. E durante o inverno, a lama e a água parada dificultam a vida de quem mora no local. A rua Pão de Açúcar, trecho movimentado do bairro, é uma das vias que liga o bairro à BR-222 e está intransitável.

Por causa da situação, a moradora Ingrid Paula leva sua moto para revisão toda semana. “É complicado morar aqui. Eu tenho muito prejuízo com minha moto, e agora com período de chuva piora”, conta.

A dona de casa Beatriz Duarte mora no local há quatro anos e a situação sempre foi a mesma. “Tem muitos buracos e, nesse período, alagamento. No

ano passado eles mexeram e piorou ainda mais”, reclama.

Segundo a Secretaria de Obras no município, a rua Pão de Açúcar recebeu asfalto em um trecho e o outro ainda não foi concluído. A pavimentação é feita por etapas, um bairro de cada vez. Parte dessa rua está localizada no bairro Gusmão e outra parte do bairro Guanabara. O asfalto está previsto para 2022. A ordem de serviço das obras de drenagem e de pavimentação já foi assinada pelo governador Jader Barbalho. A empresa que ganhou a licitação já fez vistorias. “Os bairros dessa parte da cidade são considerados áreas baixas e precisa de uma atenção redobrada porque todo o volume de água desce nessa direção”, diz o secretário de Obras, Elias Ferraz.

PARQUE ELITE

ATENDIMENTO É PRECÁRIO NO POSTO DE SAÚDE

Por Marcos Vieira

Os moradores do Parque Elite reclamam falta de uma unidade de saúde de qualidade no bairro. Grávida de sete meses, uma moradora que não quis ser identificada já voltou para casa sem ser atendida. “Infelizmente a situação aqui está precária. O médico vem atender uma vez no mês, mas para pegar uma ficha é muito complicado”, reclama.

A dona de casa Cleide Sousa diz ser bem atendida quando vai ao posto mas reclama de alguns problemas. “Muitas vezes falta médico, remédio. Minha mãe precisa de um cardiologista porque sofre com pressão alta. Também nunca consigo pegar ficha de dentista porque é entregue uma vez no mês e é preciso chegar de madrugada”, diz.

O médico clínico geral faz o atendimento de segunda a quinta-feira para 16 consultas e seis vagas



DEMORA >> Moradores esperam atendimento no posto do Parque Elite

de urgência. A unidade básica não atende somente os moradores do Parque Elite mas também do Recanto Azul e uma parte do bairro Bela Vista.

Segundo Messias Santos, coordenador de Atenção Primária da Secretária de Saúde, as consultas são

por agendamento são justamente para evitar fila, chuva e até mesmo aglomerações. “Remédio falta raramente mas é quando os fornecedores estão em falta. Estamos com um projeto de ampliação para várias unidades e o Parque Elite é uma delas, pois a população aumentou bastante lá”.



ENERGIA LIMPA >> Produzir a proórpai

ENERGIA SOLAR: FALTA INCENTIVO PARA PEQUENOS PRODUTORES

Por Manoela Ferreira

O agricultor Henrique Gusmão, morador da vila Deus é Fiel, na zona rural de Rondon do Pará, adquiriu há dois anos quatro placas de energia solar para sua propriedade. Como o serviço de energia elétrica comum não chega até a vila onde mora, surgiu a necessidade de buscar essa nova alternativa. A energia fotovoltaica é utilizada apenas em sua residência para uso comum. “É energia normal, não há nenhuma diferença entre ela e a energia elétrica. A única questão é que agora precisamos monitorar o processo de armazenamento dos painéis. Mesmo com a introdução da energia elétrica em nossa vila, não vamos deixar de usar a energia solar”, relata.

Mas essa não é a realidade para a maioria dos pequenos agricultores da cidade. Não há incentivo ou políticas públicas para esta área como em outros estados. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, o projeto Ilumina Pantanal busca auxiliar principalmente as comunidades ribeirinhas e produtores rurais.

De acordo com os dados divulgados em 2021 pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (ABSOLAR), o Pará se encontra em 13º lugar no ranking nacional dos estados que utilizam energia solar em todo o território brasileiro.

Segundo o proprietário de uma empresa que trabalha com a tecnologia de energia solar em Rondon do Pará, Fagner Rocha, ao adquirir os equipamentos necessários para o processo de produção, o usuário deixa de ser consumidor do serviço comum de energia elétrica, e torna-se produtor da própria energia. Ele explica que ao captar os raios solares e converter em energia, as placas não provocam qualquer consequência ambiental, além de serem acessíveis para pessoas de todas as rendas. “As parcelas podem substituir o valor mensal que o consumidor paga em energia elétrica. A grande diferença é que em algum momento a pessoa termina de pagar e se torna proprietária e geradora da sua própria energia. Os bancos também facilitam esse processo, pois oferecem até seis meses de carência e

não pedem entrada”, explica.

Rocha conta ainda que Rondon é a cidade do sul e sudeste do Pará com maior demanda e a maioria das instalações realizadas por sua empresa são residenciais, mas a energia solar pode ser dividida para lugares diferentes. “A procura por esse recurso cresceu por conta do aumento do preço da energia elétrica comum, os preços se tornaram abusivos, por isso as pessoas têm buscado novas alternativas”, comenta.

No Brasil, desde 2012, a geração própria de energia solar no agronegócio atende mais de 43 mil usuários, com cerca de 679 megawatts instalados no campo. O segmento rural responde por 13,1% de toda a potência produzida. Mas, a tecnologia ainda é mais comum nas grandes propriedades. Para os pequenos produtores existe o Pronaf Eco, linha de financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, para agricultores e produtores rurais familiares que inclui o financiamento de energia sustentável.

BALNEÁRIOS AUSÊNCIA DE SALVA-VIDAS COMPROMETE SEGURANÇA

FOTO: JUSSARA ALVES



RIO DO 10 >> Proprietária diz nunca ter recebido instruções sobre salva-vidas

Por Jussara Alves

O Rio Ararandeuá, que passa pelo Município de Rondon do Pará, oferece vários locais de lazer. Muitos desses pontos, frequentados por centenas de pessoas e que até cobram pela entrada, não proporcionam segurança de profissionais de resgate, os salva-vidas. Esse também é um problema em clubes e parques aquáticos.

Diversos casos de afogamentos já foram presenciados no rio. A falta de fiscalização e a não obrigatoriedade de contratar esses profissionais é o que faz com que a empresária Marli Pereira não contrate salva-vidas. “A gente mesmo que presta atenção quando tem crianças. Eu não sei se temos esses profissionais aqui em Rondon, mas quando precisar a gente vai chamar”. Proprietária do Rio do 10, que recebe cerca de 300 pessoas por dia nos fins de semana, diz nunca ter tido instruções sobre a presença dos profissionais de salvamento.

Ela lembra que já vivenciou um trauma por afogamento quando perdeu o seu sobrinho no balneário Cai na Água, conhecido também por Beira Rio ou Rio da Ponte. Por um tempo, Marli redobrou os cuidados. “Antigamente tinha um homem que ajudava a gente aqui mas, como as coisas começaram a ficar difíceis, tivemos que dispensar”.

No ano de 2020 foi aprovado na Câmara Municipal de Rondon do Pará o projeto de Lei Nº 795/2020 que dispõe sobre a criação do cargo bombeiro municipal e disciplina as atividades dos profissionais para atuarem em estabelecimentos ou eventos de grande concentração. O projeto sugere a necessidade de salva-vidas nos balneários da cidade mas não enfatiza a obrigatoriedade. “A administração de parques, clubes e áreas de recepção que possuam piscinas, áreas de rios, lagos, praias naturais e artificiais para uso recreativo ou esportivo, deverão, de acordo com as suas necessidades,

disponibilizar salva-vidas ou guardiões de piscina de forma preventiva e educativa”.

Embora os moradores da cidade tenham conhecimento de vários casos de afogamento, nos dados cedidos pela delegacia de Polícia Civil não há registro específico de afogamento nos últimos três anos. “Tem casos que são registrados como desaparecido, e neste caso o corpo só é encontrado três dias depois. Então, para se dar um número exato precisaria fazer um levantamento de categoria por categoria”, diz o delegado Tiago Santos. A falta de registro de ocorrência também pode ocorrer pela falta de Instituto Médico Legal na cidade já que quando acontece morte por afogamento o corpo tem que ser encaminhado para Marabá. De lá, muitos corpos vão direto para a funerária.

Os dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DataSus), mostram que entre os anos de 2010 e 2019 foram registrados 3.144 afogamentos no Pará. A maior frequência é de jovens entre 20 e 29 anos e depois de crianças de um a quatro anos.

O bombeiro municipal Carlos Carvalho afirma que a necessidade de equipamentos de salvamento também é essencial. “Os balneários não possuem equipamentos para serem utilizados em situações de resgates de afogamento, também não é feita uma demarcação dos locais de risco. Mesmo com as pessoas sabendo dos riscos é importante realizar um trabalho de conscientização”.

Carvalho diz que, mesmo com a Lei 795/2020, os proprietários não contratam os profissionais e também não há fiscalização nos locais. “Ainda se zela muito pouco pela parte preventiva aqui na cidade. Não falo só da parte aquática, mas também de eventos”, observa.

PROJETO LEVA PRÁTICA ESPORTIVA PARA CRIANÇAS

Por Mauremila Andrade

Praticar um esporte na infância é essencial não somente para o bem estar físico, mas também para o desenvolvimento escolar.

Em Rondon do Pará, crianças e jovens de 5 a 17 anos recebem aulas gratuitas de futebol às segundas e quartas-feiras no campo da Jardeândia, e às terças e quintas-feiras na quadra da escola Dom Pedro II. Este trabalho social é desenvolvido há 26 anos pelo professor Sérgio Silva. Em outubro, o projeto foi incorporado à Secretaria de Educação (Seduc).

São atendidos cerca de 40 alunos

que estudam na rede municipal de ensino. O benefício para esses jovens e crianças é notado pelos familiares. “Antes das aulas de futebol ele era um menino lento, indisposto para realizar as atividades, e hoje ele está mais ágil para fazê-las”, comenta Alzita Graceis, avó de um dos alunos da escolinha. Por causa da pandemia muitas crianças ficaram presas dentro de casa e, como consequência, acabaram dependente da televisão, celular e tablet. “Os treinos me ajudam muito para que não fique o dia todo preso dentro de casa, ele está mais focado no estudo, é satisfatô-

rio ver o seu desenvolvimento”, diz Alzita.

Os jogos também ajudam as crianças a se integrarem com os colegas. Trabalham em equipe, ajudam umas às outras no campo com o propósito de se divertir e estimulam o instinto de liderança. “Estou achando muito bom, a gente vai viajar pra competir e eu estou gostando muito, futebol é um aprendizado”, relata Marcos Santos, de 9 anos.

Surgimento

A escolinha surgiu em 1995 na quadra da escola Dom Pedro, onde eram realizados os jogos estudan-



Futebol>> Alunos treinam duas vezes por semana com o professor Sérgio Silva.

"O futebol contribui para a formação dessas crianças, para crescerem pessoas de bem"

SÉRGIO SILVA
Treinador

tis da cidade. O projeto surgiu com a intenção de contribuir para a formação cidadã das crianças. “Para evitar que elas seguissem pelo caminho errado, nós implantamos esse projeto”. As turmas são divididas por categorias de acordo com a idade.

A principal vantagem do futebol é o desenvolvimento motor, além de auxiliar na coordenação, na agilidade. Isso é benéfico tanto em campo quanto em sala de aula, pois ajuda no aprendizado. “O futebol contribui para a formação dessas crianças, para crescerem pessoas de bem”, comenta Silva.

CULTURA

JOVENS PRODUZEM DOCUMENTÁRIO SOBRE A PANDEMIA COM CELULAR

Por Kawane Ricarto



DOCUMENTÁRIO>> Jovens participam da primeira exibição na praça da Bandeira

O documentário “Pandemia: narrativas rondonenses”, produzido com celular por cinco alunos do ensino médio, no ano de 2021, teve como foco a realidade vivida por esses jovens durante a pandemia da covid-19. O projeto foi contemplado no edital de Cultura Digital pertencente à Lei Aldir Blanc, da Secretaria de Cultura do Estado do Pará, gerido pelo Instituto de Desenvolvimento Social Ágata, sub-

metido e executado pelo fotógrafo e documentarista local, Ricardo Tavares D’Almeida.

O projeto tinha como objetivo ensinar aos jovens como funciona a produção de documentário/vídeo pelo celular, com o fornecimento de cinco kits que continham celulares, tripés e microfones. Os equipamentos foram adquiridos com parte da verba destinada aos projetos culturais da lei Aldir Blanc. Os alu-

nos aprenderam sobre linguagem cinematográfica, enquadramento, composição da imagem, o cuidado necessário com o áudio e formas de conduzir uma entrevista. Os encontros do grupo foram realizados durante três meses nas praças da cidade, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), e na escola Dionísio Bentes de Carvalho. “O processo de execução do documentário foi lento, pois a pandemia dificultou a dinâmica de seleção dos jovens. Além disso, houve a limitação do número de alunos por conta da quantidade de kits disponibilizados. A intenção então foi de priorizar a diversidade”, diz D’Almeida.

Foram selecionados jovens que moram em bairros distintos, e cada um retratou a realidade de seu bairro em meio à pandemia.

O grupo teve apoio das secretarias de Cultura, Educação e Agricultura, que ajudaram na seleção dos jovens e na promoção do lançamento do documentário.

O resultado final do documentário foi exibido na Praça da

Bandeira em Rondon, no dia 20 de novembro. No dia 23, foi apresentado também para os participantes de uma oficina no Serviço Social do Comércio (Sesc), em Marabá. Também foi promovida uma roda de conversa na escola Dom Pedro I, para mostrar aos alunos do sétimo ano como foi todo o processo audiovisual, o edital, como concorrer ao projeto, a seleção dos alunos e o produto final. “A nossa intenção é continuar produzindo, porque todos os alunos apresentaram muitas ideias de documentários com temas relevantes. Então vamos continuar em um ritmo mais tranquilo, sem as questões burocráticas que um projeto demanda”, comenta o fotógrafo e documentarista.

A produção trouxe benefícios perceptíveis para os alunos. “Eu tive a impressão de que eles viram possibilidades de carreira para vida deles em relação à produção de conteúdos audiovisuais. Eles foram capazes de perceber também que com equipamentos básicos fornecidos e as coletas de entrevistas, é possível retratar uma realidade com um de-

terminado ponto de vista”.

A aluna Edillany de Jesus Soares, do 1º ano do ensino médio do Dionísio, filmou a realidade pandêmica na vila Santa Helena, onde mora, há 20 quilômetros da cidade. Retratou o funcionamento da Unidade Básica de Saúde na zona rural, a agricultura local, o cotidiano dos alunos, do motorista que os leva até a cidade para estudarem e de uma professora da vila. “Fiquei sem acreditar que tinha sido uma das cinco alunas selecionadas para o projeto, e que ainda iria ganhar os equipamentos necessários para fazer um documentário na pandemia”, comenta.

Outro aluno selecionado foi Rafael Santos de Almeida, também do Dionísio. Ele mostrou a vida das pessoas do bairro Jaderlândia. “Fiquei feliz em fazer parte desse projeto, porque aprendi bastante, e sempre tive curiosidade de saber como é feito um filme, um documentário. Pretendo fazer parte desse novo mundo no meio das câmeras e passar meus conhecimentos para frente”, relata.